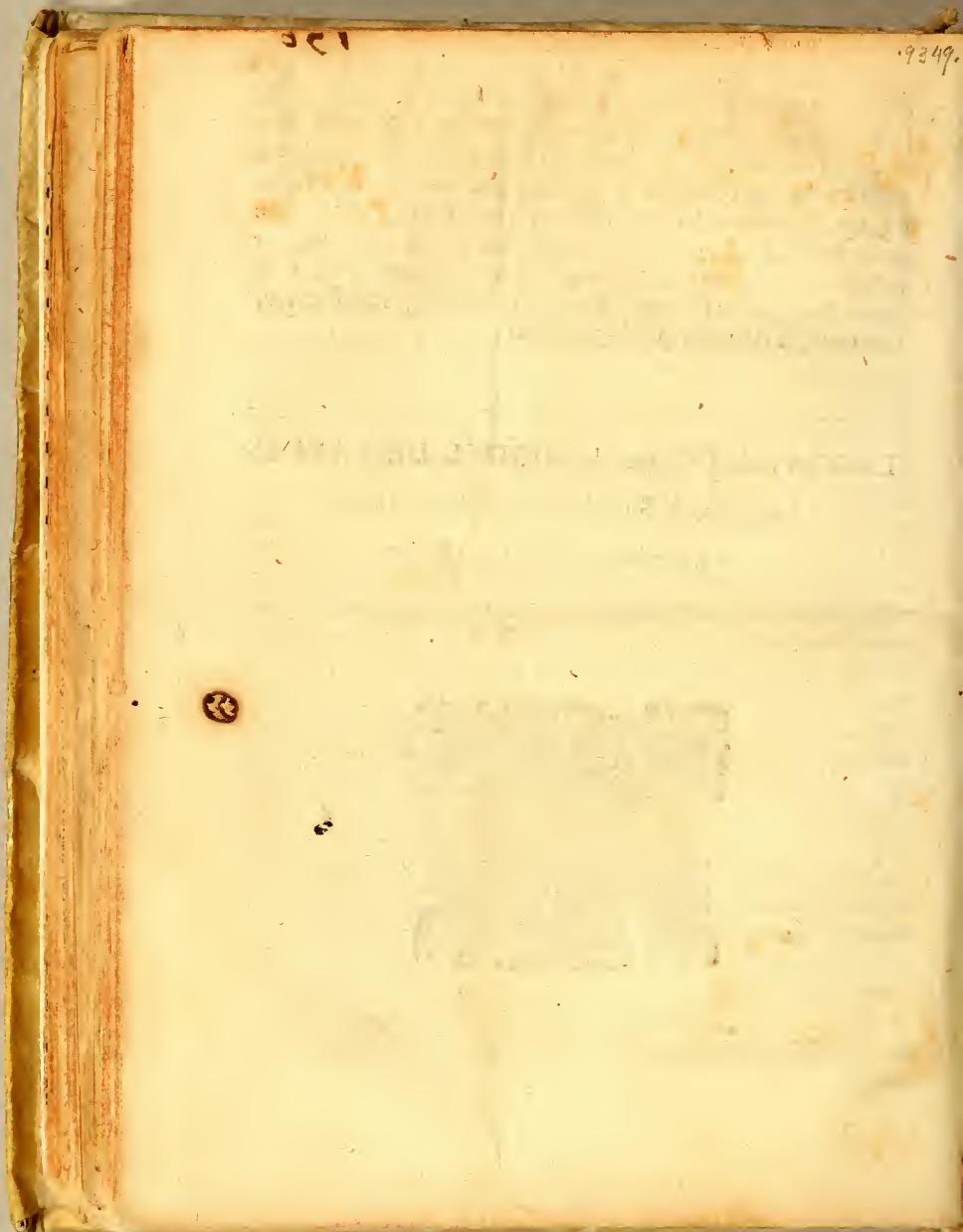






John Carter Brown
Library
Brown University





⁹⁷ ⁶⁴
RELACAM
DA FELIZ CHEGADA
DA SERENISSIMA SENHORA
D. MARIA

SOFIA ISABEL,
Raynha de Portugal, à Cida de, &
Corte de Lisboa, em 11. de Agosto
de 1687. & descripçāo da ponte
da Casa da India.

DEDICADA

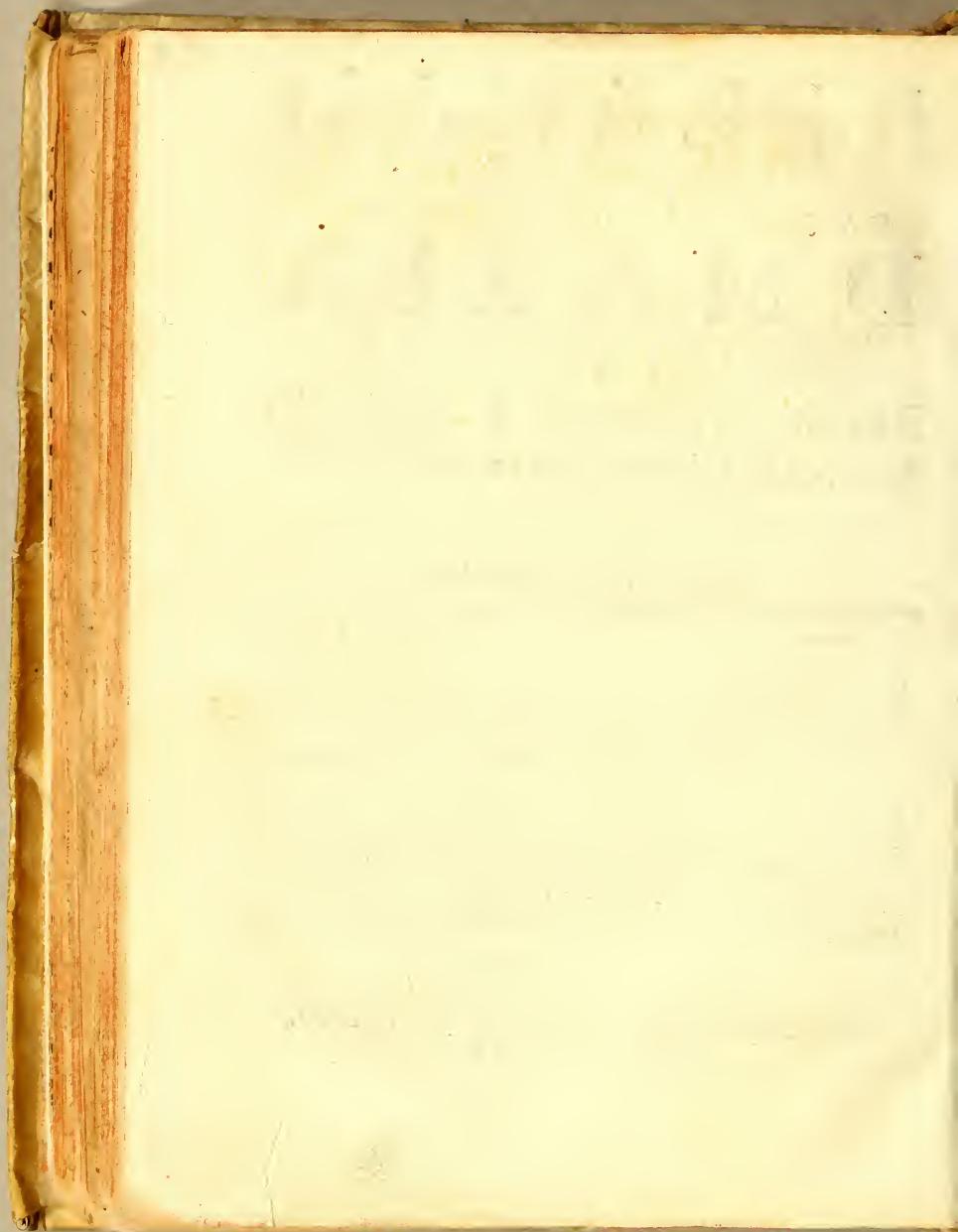
A LOURENC, O PIRES CARVALHO, DO
Concelho de Sua Magestade, & seu Sumilher da cortina:
Provedor das obras, & Paços Reaes, Deputado da Mesa
da Consciencia, & Ordens, & da Junta dos tres Ef-
tados: & Arcediago de Santarem na Sè de Lisboa.

Por Sebastiaõ de Affonseca, & Payva, Freire Conventual
do Convento Real de Palmela, da Ordem de Sanct-Iago
da Espada, & Mestre da Capella no Hospital Real
de todos os Santos.

L I S B O A.

Com todas as licenças necessarias.

Na Officina de DOMINGOS CARNEYRO,
M. DC. LXXX.VII,



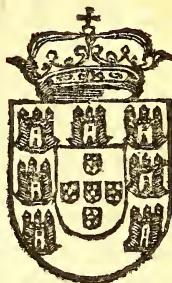
DEDICATORIA



*S*HVMILDES sempre buscáraõ o amparo dos grandes ; os fracos , sempre sollicitáraõ o arrimo dos poderosos. Quem mais grande , quem mais poderoso , que o animo de V. S? Quem mais fraco , quem mais pequeno , que o meu talento ? mas amparado com o patrocínio de V. S. não terão que temer meus borrões , nem que recear os defeitos da minha penna : Esta obra , que não chega a ser mais que húa noticia do muito que pede o assumpto , offereço ao amparo de V. S. para que possa luzir o que he sombra , & aggradar o que he erro : que tudo se faz por hum vizinho , & com a sua benevolencia , poderey conseguir maiores arrojos. Guarde Deos a pessoa de V.S. Sc. Lisboa em 4. de Setembro de 1687.

Humble Cappellaõ de V. S.

Sebastião de Affonseca , & Payva.



SYLVA PRIMEIRA.



ARTIO o Conde, & com algum mysterio
 Dia da Conceiçāo, para o Imperio,
 Partio em tam bom dia
 Que tambem com Lisboa o Ceo partia,
 Pois Maria Sagrada
 No Empyrio collocada,
 Sua Conceiçāo pura
 Foy todo o nosso bem, toda a ventura,
 E era força que fosse em tal empenho,
 De todo o nosso bem o desempenho;
 Partio em fim, ficando esta Cidade
 Livrando na esperança a saudade,
 Em breves dias fez aviso o Conde
 Que era a Neuburg chegado,
 E que tinha o negocio effeituado;
 Porque negocio que Deos toma apeyto
 O mesmo he intentarfe, que estar feito.

Com

75

22

66

Com taõ ditosa nova
Os coraçoens amantes
Obráraõ logo excessos relevantes,
E Lisboa se vio em hum momento
Feita outro firmamento,
Porque com luzes varias
Ouve tres dias muitas luminarias.
Os navios com tiros repetidos
Eraõ da vista horror, & dos ouvidos;
As Torres, & o Castello,
De Troya pareceo vivo modello,
E entre nuvens de fumo,
Que se queimava o mesmo ar presumo,
Tantas luzes pella Cidade havia,
Que parecia a noite o mesmo dia.
Preparouse em Lisboa
O que no fim do mundo tanto soá;
Pois da ponte a grandesa
No adorno, & riquefa
Deu que ouvir, & envejar ao mundo todo,
Peço attenção, porque era deste modo.
Junto do mar sobre degráos de pedra,
De madeira formáraõ outra escada,
E emcima já no fim, logo á entrada
Hum portico muy rico,
(Que se não vio segundo, certifíco)
Era de quatro faces,
E taõ iguaes as fez à Architetura,
Que eraõ todas iguaes na fermosura,
E era força que como o Sol o via,
Olhasse o rosto para o meyo dia.
Neste rosto primás com bem asfeyo

A iij

Sendo

Sendo da vista enleyo
 Do mundo as quatro partes competiaõ,
 E taõ claras se viaõ
 Que estando lá na Asia
 A Cidade de Goa,
 Se divisou do forte de Lisboa.

Africa parecia

Que se abrasava, porque se despia,
 E com o Sol que esperava
 Já de futuro, toda se abrasava.

Da America tambem a entender venho,
 Que para versos tinha muito engenho,
 Taõ de amor,& de açucar parecia,
 Que imaginey que alli se derretia.

Europa coroada,

Entre as Naçōens temida,& respeitada,
 Bem mostrava impérioſa
 Que era de todas quatro a mais fermosa;
 Mas á vista de tanta Mageſtade
 Seria a presumpçāo temeridade.

Na face do Oriente

Donde o roſto do Sol se vé patente,
 Estavaõ com brilhantes luſimentos
 Esſes quattro elementos,
 Que vorazes,& pios,
 Secos, humidos, já quentes,& frios,
 A vida nos fustentaõ
 Quando as plantas,& flores alimentaõ,
 Que ás vezes na eſtranheſa
 Se conserva melhor a natureſa.

Na face do Occidente

Do anno os quattro tempos divifaya,

Quem

100 67

(7)

Quem da Ribeira olhava,
Que era de tal maneira a esquadria,
Que de húa parte só, nunca se via,
E com diversas cores
Se via a Primavera com mil flores,
O Veraõ com seus fructos sazonados,
O Estio, & o Inverno, algoz dos prados.
Monstro o corpo segundo em quatro faces,
Nas engras delle em casas divididas
As Cidades se vem mais aplaudidas,
Com sua Nao Lisboa, & sua Esphera,
Coimbra a sua Dama, & húa féra,
Evora o Cavalleiro,
O Porto, a Virgem nosso bem primeiro.
Entre as Cidades, que hoje canta a Fama,
Quatro rios estavaõ com focego;
O Tejo, o Douro, o Minho, & o Mondego;
emcima destes rios,
Com valerosos brios
Doze virtudes, só o arco tinha,
Porque as mais haõ de vir com a Raynha.
No meyo das virtudes,
Postas por mãos divinas,
Se vio de Portugal as finco quinas;
E no remate, com clarins de prata,
A Fama, que fiel tudo relata.
Dentro aqui deste portico famoso,
Em tudo portentoſo,
O Zodiaco estava,
E certo que admirava,
Ver os Celestes Signos
Em seus póſtos, & bazes chriſtalinos,

Taõ vivos na pintura,& cor taõ râra,
 Que pareceo que alli Deos os criara;
 E o Sol como a doentes lhe fazia
 Visitas cada dia,
 Que só Cancer pudera
 Dar que entender alli a toda a Esphera;
 Até que a luz Imperial chegasse,
 E com mais clara luz os visitasse
 Toda a constelaçao se offerecia,
 Para alli ser estrella de Maria;
 Em todo o pedestal estava Emblema
 Que assumpto ser pudera de hum Poema;
 Pois com versos latinos.
 Apollo os visitava, mais que aos Signos.
 Por fóra para o mar tinha alguns grifos
 Que soletrava o ár, com seus borrifos
 Todos de flores, porque á flor Raynha
 Só Emblemas de flores lhe convinha.
 A primeira pintura
 Deus cravos era em húa ligadura.
 De húa colonia bella
 Hum Imperial,& outro de Arrochella;
 E muito bem se lia
 por bayxo este quarteto, que dizia.
Faça excessos Portugal,
Pois de Pedro a flor mais bella,
Se foy cravo de Arrochella,
Hoje he cravo Imperial.
 Seguia-se o segundo,
 De Portugal mostrando a todo o mundo
 O excessio com que ama tal Raynha;
 Esta pintura tinha:

(9)

Húa flor maravilha, & amor perfeito,
Ao que este quarteto estava feito.

*Hoje com excesso brilha
O poder, & o respeito,
E se ve o amor perfeito
Transformado em maravilha.*

Terceiro grifo era

Húa Açucena em rosa transformada,
E húa perpetua flor assí ligada;
Quem o grifo penetra.
Bem claro o tem nesta seguinte letra,

*Hoje com Ceptro, & Coroa,
Luzida sempre, & pomposa,
Se muda a Açucena em Rosa,
Por ser perpetua em Lisboa.*

No quarto emblema por figura estava
Húa flor girafol, que o Sol girava,
(Amante sympathia)
E desta forte o mote se seguia.

*Não brilhe oclaro fiorol
Nessa Esphera Celestial,
Pois he do Sol Imperial,
Pedro amante Girafol.*

A pintura do quinto Emblema era

Lá na Celeste Esphera
Com azas húa Angelica voando,
E a Fama o seu clarim de ouro tocando,
Toda aos ares entregue,
E lia-se no mote o que se segue:

*Hoje a pasmos desafia
Dz Fama o doce clarim,
Pois he Pedro hum Serafim,
E húa Angelica Maria.*

O sexto Emblema,& ultimo em sy tinha

Os nomes da Raynha,

Por baixo este quarteto:

E dizem muitos que era bem discreto.

No mar já da fermosura

Se vê o Narciso melhor

Que SOFIA desta flor

Portugal toda a ventura.

Do portico no Ceo hum Sol se via,

E húa Aguia seus rayos lhe bebia,

Que ao Sol de Portugal sem ter desmay

A Aguia Imperial lhe bebe os rayos,

Porque he Pedro luz tal,& tal portento,

Que ao mesmo Sol dispensa o luzimento.

Deste portico hum corredor sahia,

Que a mesfma vista dentro se perdia,

Nelle de parte a parte a vista topa,

De Asia, America, Africa, & Europa

Opulentas Cidades,& famosas,

Donde vem pedrarias preciosas,

Açucar, beijoim, cravo, & pimenta,

Com que o Reyno se augmenta;

Conquista, em que o valor dos Portugueses,

A espada tingio por muitas vezes.

No pavimento, bem no meyo estava

Taõ bella a Lusitania, que admirava;

Pintura de pintor taõ soberano,

Que nos prognosticou Feliciano.

As armaçoens taõ bellas,

de bordados, volantes,& de tellas,

Que a vista suspendeo o novo ornato;

Do vistofo da ponte mais naõ trato,

Só direy desta ponte,
 Que os arcos que mais ricos se fizéraõ,
 Ser arcos desta ponte bem puderaõ,
 E com ser de madeiras diferentes
 Aquillo pertencentes,
 Na assistencia, no asseyo, & no trabalho,
 Foy desta vez a ponte de Carvalho,
 Donde o Pires melhor, & mais illustre,
 Deste ornato, grandesa, & magestofo,
 Fez prato ás Magestades muy gostofo:
 Que de Lourenço só, & seus alentos,
 Se esperavaõ taõ regios luzimentos.

Do corredor no meyo

Outra porta dos olhosfoy recreyo,
 Donde os Anjos tambem tomando as armas
 De Pedro, & de Maria,
 Hüm, & òutro braſao se desafia,
 Mas deste desafio taõ renhido
 O Escudo Portugues ficou ferido,
 E com ter finco chagas neste dia,
 Mais feridas de amor appetecia,
 E os mais Anjos com flores por Escudo
 De cima da varanda viraõ tudo.

Findava o corredor junto á Capella,
 Donde todo o juizo se atropella,
 Se descrevela intenta,
 (E para o conseguir a musa alenta:)
 Porém direy sómente,
 Que estava taõ brilhante, & excellente,
 Que dos olhos no mar, ricas, & graves,
 Hiaõ ambas de ló as suas nayes,
 Com tal gosto se via

Que

Que dos olhos capella parecia;
 E no vario das cores
 Capella pareceo de muitas flores,
 E he bem que por capella se conheça;
 Pois sempre anda dos Reys sobre a cabeça.

Fez aviso segundo

O Conde, que Marquez já chama o mundo,
 E como he de Alegrete,
 Alegrias o aviso nos promette,
 E de taõ boas novas admirados
 Huns, & outros ficámos avisados;
 Sendo que ha gosto tal, que de improviso,
 Aquem se entende mais tira o juizo.

Mandou dizer o dia que partia,

& quando chegaria:

E foy prodigo isto
 Que assim como o dispoz, assim foy visto;
 E o dia signalado
 Se vio na barra o bem taõ desejado:
 Os cachopos de gosto rebentavaõ.
 De alegria saltavaõ,
 E as aguas christalinas
 Correndo a todo troté
 Vestiraõ esta vez de chamalote,
 Que tanto o mar a esta Venus ama,
 Que de amor cada onda era húa châma.

O Zefiro suave,
 Que para a conduzir soprou mais grave,
 Satisfazendo entaõ nôslo desejo,
 Em dous sopros a poz dentro no Tejo;
 Em tiros toda se desfez a barra,
 E para tal Senhora,

Se desfizera toda a barra agora,
 (Pois he mais bella do que diz a Fama.)

Porque naõ dá quem tem, dá quem mais ama.

Entrou de Saõ Joséph pella ensiada,

Que ansiada por vella, pelos ares

Deixou dizer o que era,& entrouse aos máres:

De barcas, & de barcos,

Arcos triumphaes tambem fez paço de Arcos;

E na breve passage,

Toda a terra lhe deu boa viage:

A torre de Belem, bem atirava,

E como jubileo todos salvava;

Muita gente de Alcantara na ribeira

Que para aver metteu sua pedreira;

E foy nesta conquista

Todo o bairro, que a vio, a boa vista;

A gente da Esperança

Quando a teve presente,

O bairro quiz deixar em continente,

Porque a Náo Capitania vindo entrando;

Olhos,& coraçoens vinha arrastrando

As Chagas repicáraõ,

E como Armas Reaes a festejaraõ,

Que como quinas eraõ,

Em repiques de amor se desfizeraõ.

Deu fundo toda a Armada,

E com tempo jocundo

O diamante real, tambem deu fundo:

Sendo húia joya a Náo,& bem fermoſa,

Por ter em si a pedra preçiosa,

E pedra que a tal Fedro se dedica,

Digna he de estimação por fina,& rica.

Despois de darem fundo,
 Em tiros se abrafava todo o mundo:
 Atirou o Castello
 Que foy no vigiar viva Atalaya,
 E todo o povo entaõ se vio na praya.
 Fragata naõ ficou, barco, nem bote,
 Deste, ou daquelle lote,
 Que alli se naõ fretasse a todo o custo,
 E ficou Portugal fóra de custo,
 Pois via no seu Tejo
 O logro mais feliz do seu desejo.
 As Sacras Magestades,
 Que julgavaõ húa hora eternidades,
 Vendose perto, sem poderem verse,
 Já pella sympathia de quererse,
 Os coraçoens mandavaõ,
 E cada instante alli se visitavaõ.
 Chegou ditosa a hora,
 E foy o Sol buscar a sua Aurora;
 Partio a Magestade
 Forçado da saudade
 Com os grandes da Corte,
 E foy buscar a Estrella, & flor do Norte.
 As tres horas seriaõ,
 A tempo que no mar dous soes se viaõ,
 Prodigio que admirava,
 E a Lisboa mil bens prognosticaya.
 Chegou o bargantim, & ao mesmo instante,
 Sobio o Rey amante,
 E quando se avistou Pedro, & Maria,
 A tiros toda a Náo se desfazia:
 Todo o baixel entaõ atirou logo,

E houve de parte a parte muito fogo:
 Lançava o dia fénas, rica forte,
 Quando os Monarcas vinhaõ para o forte:
 Tantas embarcaçãoens naõ vio a gente,
 Pois gemia com o peso essa corrente,
 E castigando entaõ a sua queixa,
 Buscando terra amor, o rio deixa:
 Sendo a segunda vez (cessem as mágoas)
 Que vio Venus, amor, sahir das aguas.
 Para a ponte subiraõ,
 E mil vivas fe ouviraõ,
 Que mesclados com o tom da artelharia,
 Consonancia nos coraçoens fazia;
 Dizendo a vozes quem chegou a vela,
 Naõ se vio atéqui coufa taõ bella.
 Entráraõ pella ponte os fôes benignos
 Visitando segunda vez os Signos,:
 E com luzes seleetas
 O Zodiaco vio mais dous planetas:
 A Aguia, que de hum Sol rayos bebia,
 Vendo dous foes, deixou o que seguia;
 E se vio logo alli em continente,
 Europa ufana, o Tejo muy contente,
 E por ser escolhida
 Lusitania ficou muy presumida,
 E entre as Cidades, que o clarim pregoa,
 Sómente os parabens levou Lisboa.
 No fim do corredor, toda a belleza
 fe via na Princefa,
 (Cessem as competencias por agora,
 Que húa ha de fer o Sol, & a outra, Aurora;))
 Com real summissaõ, & cortesia

(16)

Se inclina o Sol,& se reclina o dia;
 Quem vio tanta ternesa
 Entre húa Magestade,& húa Altesa?
 A Igreja subiraõ,
 E de tal māy as bençoeens conseguiraõ,
 Com devoçaõ oráraõ,
 E ao Rey dos Reys amantes adoraraõ:
 E naõ he novo, naõ, que de contino
 Tres Monarcas adorem o Rey Divino.
 Subiraõ para o Paço os tres luzeiros,
 E foraõ deste dia os pregoeiros,
 O gosto,o pasmo,a admiraçaõ,o assombro,
 E a noite se nos poz,hombro,com hombro,
 Houve tres noites fogo,
 E começouse logo;
 Que os affeçtos amantes
 O que ha de ser despois,fazemno antes;
 Houve tiros que farte,
 Teve pendencias Jupiter com Marte,
 Porque o Castello ardia,
 E o militar estrondo só se ouvia,
 E porque o sino a recolher provoca,
 A recolher tambem a musa toca,
 Promettendo para a segunda parte,
 Empenhar outra vez,engenho,&c arte,

FINIS.

203

ARCO TRIUNFAL

I D E A , E ALLEGORIA,

Sobre a Fabula de Paris em o

MONTE IDA

CUJA FICÇAM HA DE SERVIR PARA

o Arco Triunfal, que a Rua dos Ourives do Ouro
celebra, em applauso dos felicissimos Des-
posorios das Augustas, & Lusi-
anas Magestades.

D E S C R E V E - A

PASCOAL RIBEIRO COUTINHO.



L I S B O A .

Com todas as licenças necessarias.

Na Officina de MIGUEL MANESCAL,
Imprressor do Sancto Officio,
Anno de 1687.

14
K 10

C619
A949.n



